

**O outro lado dos fatos: considerações sobre literatura e jornalismo em Lima Barreto,
Roberto Arlt e João Antônio**

**The other side of the facts: considerations on literature and journalism in Lima
Barreto, Roberto Arlt and João Antônio**

Clara Ávila Ornellas*

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-6880-4246>

DOI: <https://doi.org/10.15648/cl.38.2023.4037>

* Doutora em Literatura Brasileira (USP, 2004), Pós-doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP, 2022), Pós-doutora em Literatura Brasileira (UNESP-Assis, 2008 e 2011). Atualmente, desenvolve pesquisa de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É autora dos livros *João Antônio, leitor de Lima Barreto* (2011) e *O conto na obra de João Antônio: uma poética da exclusão* (2008). Participou da organização das coletâneas *Sempre a jogo: 60 anos de Malagueta, Perus e Bacanaço* (2023), *Cidade, literatura e exclusão social* (2022) e *80 anos de João Antônio* (2018). Possui experiência como docente de pós-graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012-2014) e na Universidade de São Paulo (2021 e 2022). Tem experiência em docência para o ensino superior em instituições como: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (2021-2022), Faculdade de Tecnologia de Osasco (2018), Faculdade de Tecnologia de São Paulo (2021) e, no momento, leciona na Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba. E-mail: claraornellas@usp.br

Resumo

En este texto se presentan posiciones de Lima Barreto, Roberto Arlt y João Antônio sobre cierta tendencia literaria y periodística que ignora cuestiones de relevancia social en favor de informaciones o producciones estéticas carentes de sentido crítico dirigidas a los problemas de la sociedad. Así, se centran en extractos de las crónicas de los tres autores, en los que se evidencia la preocupación por el lado humano de los acontecimientos. Se pudo constatar la revelación de una prensa sesgada y también de una literatura centrada en el arte por el arte, sin compromiso social. Además, el pensamiento de estos escritores es actual para el pensamiento del siglo XXI.

Palabras clave: Periodismo, literatura, Lima Barreto, Roberto Arlt, João Antônio.

Abstract

Positions of Lima Barreto, Roberto Arlt and João Antônio are addressed about a certain literary and journalistic tendency to ignore themes of social importance in favor of information or aesthetic productions emptied of a critical sense directed to the problems of society. Thus, excerpts from the three authors' chronicles are focused, in which the concern with the human side of the facts is evident. It was possible to verify the unveiling of a biased press and also of a literature directed to the art by the art without social commitment. Furthermore, the thoughts of these writers are current for thinking about the 21st century.

Keywords: Journalism, literature, Lima Barreto, Roberto Arlt, João Antônio.

Introdução

A relação entre literatura, jornalismo e realidade foi preocupação comum para os escritores brasileiros Lima Barreto (1881-1922) e João Antônio (1937-1996) e para o escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), no sentido de que a escrita deveria primar por um compromisso social e, portanto, ser vinculada à realidade. Neste sentido, eles posicionaram-se contrários a uma arte literária e a um jornalismo que subvertem a realidade, seja omitindo informações, seja divulgando-as de modo equivocado para atender a fins de determinados interesses de grupos hegemônicos.

Neste texto, são focalizadas algumas crônicas desses autores nas quais viceja essa problemática, para que se observe como o pensamento deles contribui para se pensar a sociedade brasileira do século XXI. As coletâneas aqui focalizadas compreendem *Toda crônica: Lima Barreto* (2004), de Lima Barreto, *Aguafuertes cariocas: crônicas inéditas desde Rio de Janeiro* (2013 [1930]), de Roberto Arlt, e *Malhação do Judas carioca* (1975), de João Antônio. Como se pode observar, todas essas obras possuem em comum o fato de se passarem no Rio de Janeiro, porém, em tempos diferentes: Lima Barreto no início do século

XX, quando a cidade passou por reformas urbanas com o objetivo de igualar-se à modernidade vigente nas principais cidades do mundo, Roberto Arlt em 1930, na época em que se estava preste a ser instituído um regime político opressor com a ascensão do presidente Getúlio Vargas, e João Antônio em meados da década de 1970, período em que se vivenciava a opressão civil, em todas as esferas sociais, por parte da ditadura militar brasileira (1964 a 1985).

É importante destacar que se tem conhecimento de produções direcionadas ao estudo comparado, por exemplo, entre Lima Barreto e Roberto Arlt, como *Lima Barreto e Roberto Arlt: transições e permanências da memória selvagem* (Bezerra, 2015) e *Cidades crônicas: Rio de Janeiro e Buenos Aires nas crônicas de Lima Barreto e nas Aguafuertes de Roberto Arlt* (Ferraro, 2015), bem como entre Lima Barreto e João Antônio, a exemplo de *A loucura e a criação: João Antônio encontra Lima Barreto* (Souza, 2019) e *João Antônio, leitor de Lima Barreto* (Ornellas, 2011). Do mesmo modo, sabe-se de estudos voltados especificamente à produção de crônicas de Roberto Arlt quando esteve no Rio de Janeiro, como ilustram as produções “Crônicas de R. Arlt en Rio de Janeiro: ¿hospitalidad u hostilidad?” (Frenkel, 2019) e *Imagens e representações do Brasil nas notas de viagem de Roberto Arlt* (Vale, 2017). Entretanto, como é possível verificar, e até onde se tem conhecimento, não foram ainda realizadas abordagens nas quais os três escritores sejam focalizados conjuntamente, tampouco sobre o pensamento deles a respeito de jornalismo e literatura, à semelhança do que aqui se propõe, em busca de revelar correlações e também especificidades de cada autor sobre os temas em questão.

Literatura e compromisso social

Lima Barreto, autor que se caracteriza, entre outros aspectos, por um posicionamento crítico diante da realidade de seu tempo no que condiz aos desvãos cometidos pelas classes dominantes em relação a explorar os recursos públicos para benefício de uma minoria economicamente hegemônica, afirma que o escritor deve priorizar a elaboração de obras cujo objetivo deve priorizar melhorar o homem e, por consequência, a sociedade. Disto advêm suas reiteradas reservas a qualquer produção literária que priorizasse a arte pela arte, como ocorria no Parnasianismo, um dos movimentos literários de seu tempo, ou seja, do final do século XIX ao início do século XX.

Há muitas crônicas em que se destaca seu pensamento contrário, por exemplo, à eleição da Grécia como fonte maior de arte clássica, bela e perfeita, como também contra obras em prosa direcionadas à cópia de padrões estéticos e temáticos europeus que fariam uma forçada ambientação para o contexto brasileiro, não se atendo às particularidades ou incongruências desse tipo de produção que em nada contribuiria para modificar ou melhorar questões imprescindíveis à realidade local. Exemplifica essa afirmação a crônica “Uma fita acadêmica”, publicada na revista *A.B.C.* em 1-8-1919, em que o narrador contesta o discurso do acadêmico Pedro Lessa em homenagem ao novo integrante da Academia Brasileira de Letras, Alfredo Pujol. O narrador coloca-se contrário ao ponto de vista de Lessa a respeito de que Machado de Assis teria sido grande justamente por ter ignorado, por meio da abstração, a realidade de seu tempo. Se o orador defende esse distanciamento social como algo positivo, o narrador da crônica contrapõe-se a essa concepção, pois, para ele, uma obra baseada tão somente na abstração dos fatos não poderia ser considerada arte, no sentido

legítimo do termo, porque não criaria seres representativos da alma e da vida humanas e sim fantoches:

A Arte seria uma simples álgebra de sentimentos e pensamentos se não fosse assim, e não teria ela, pelo poder de comover, que é um meio de persuasão, o destino de revelar umas almas às outras, de ligá-las, mostrando-lhes mutuamente as razões de suas dores e alegrias, que os simples fatos desarticulados da vida, vistos pelo comum, não têm o poder de fazer, mas que ela faz, diz e convence, contribuindo para a regra da nossa conduta e esclarecimento do nosso destino. (Barreto, 2004, 579)

Essa concepção de literatura como elo para ligar os homens e envolvê-los em igualdade e solidariedade é uma questão presente em outros momentos da produção de Barreto, como o texto “Amplius!” (1916), prefácio do autor à sua coletânea de contos *Histórias e sonhos*, no qual ele expõe, de forma mais detalhada, sobre a sua visão de arte e de literatura.¹ Assim como na citação acima, verifica-se que para Barreto qualquer arte ausente de preocupações humanas e sociais com a sua terra e a sua gente, em prol do bem comum, atenderia somente às prerrogativas do círculo restrito do escritor com seus amigos. Dessa forma, nessa distância, senão alienação, revela-se um compromisso individualizado e concentrado apenas em efeitos estéticos e sem qualquer sentido socialmente engajado.

Outro ângulo da visão de Barreto acerca da literatura refere-se ao descaso de homens célebres que publicavam livros visando atingir determinado público pertencente às esferas hegemônicas de poder, como ocorre na crônica “Livros de viagens”, publicada no jornal

¹ “Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si” (Barreto, L. (1956a). *Histórias e sonhos*. São Paulo, Brasiliense, 33).

Gazeta de Notícias em 16-4-1920, na qual o narrador tece considerações, entre outras obras, acerca do livro *Na Argentina – impressões 1918-19* (1920),² do diplomata brasileiro Oliveira Lima. À parte de alguns elogios à obra, o narrador detecta como um de seus maiores defeitos as referências a escritores e poetas argentinos reconhecidos pela crítica, portanto, não transpondo o cânone já consolidado, ou seja, negando-se a fazer referência aos novos e desconhecidos no cenário literário,

Mesmo, em literatura, a obra só nos fala de autores consideráveis, não há dúvida, mas de autores cujo mérito e importância de sua posição social torna de alguma forma suspeito.

Nas nossas democracias sul-americanas, sequiosas todas de medalhas e considerações, os poderosos não deixam aos humildes nem o direito de dizerem tolices em prosa ou verso. Eles o tomaram também para si. (Barreto, 2004, 168)

Pode-se verificar nesta citação a alusão do narrador ao ostracismo e esquecimento a que são submetidos os escritores não vinculados a relações de poder, sendo-lhes negada a oportunidade de ter suas obras vistas pela crítica ou ao menos divulgadas de forma mais ampla para o público em geral. Negar-se-ia, deste modo, o direito a um sentido igualitário no tratamento dispensado aos diferentes estratos sociais no que tange à literatura, reservando-se esse lugar apenas àqueles detentores de relações já estabelecidas socialmente. Essa crítica também aparece em outras crônicas de Barreto, bem como se encontra melhor detalhada em seu romance de estreia *Recordações do escrivão Isaiás Caminha* (1909), em que se realiza, entre outros aspectos, críticas ao

² A edição aqui utilizada, *Toda crônica: Lima Barreto* (2004), não apresenta a data completa da referida crônica.

tratamento discriminatório dispensado por jornalistas a escritores desconhecidos e sem representatividade social ou econômica, qual seja a completa indiferença e a ignorância de sequer tomar conhecimento do trabalho desses autores.

Ainda na perspectiva de ressaltar alguns elementos do pensamento do escritor carioca sobre a sua concepção de literatura, destaca-se outro aspecto importante relacionado à tendência do brasileiro em valer-se de modelos estrangeiros para dar validade ao seu pensamento, em diferentes áreas de conhecimento. Exemplifica este caso a crônica “A nossa situação”, publicada na revista *A.B.C* em 1920,³ cujo narrador posiciona-se frente a várias questões de ordem política, econômica e científica do Brasil e, nesse contexto, acrescenta observação atinente ao ato criativo no contexto literário:

O brasileiro é um tipo que não pode se afastar do modelo. Em todas as suas manifestações tem de copiar. Vê-se nas suas conversas sobre qualquer assunto de inteligência como é feita a sua crítica, tendo sempre presente a autoridade: fulano, dizem uns, errou porque Haldane ensina assim; o livro de beltrano é defeituoso, pois Anatole France nunca arquitetou um romance dessa maneira.

Nós temos o horror à iniciativa e nunca seguimos aquele conselho de Flaubert a Maupassant a quem ele recomendava que se pusesse uma, duas, três, cinco, cem vezes diante de uma fogueira, até que esta lhe aparecesse de um modo particular a ele próprio, para então descrevê-la.[...] (Barreto, 2004, 258)

Atesta-se o modo como o narrador de Barreto enfatiza a tendência do brasileiro de reproduzir ideias e concepções, particularmente de nomes estrangeiros representativos, para dar sustentação aos seus pontos de vista, logo, sem inclinação para ideias próprias. Ao invés

³ A edição aqui utilizada, *Toda crônica: Lima Barreto* (2004), não apresenta a data completa da referida crônica.

disso, salienta o narrador, nota-se na fragilidade dessa atitude o esquecimento de uma regra que costuma ser basilar no conselho de escritores experientes aos aspirantes à literatura, neste caso ele destaca Flaubert e Maupassant, a respeito da necessidade de concentração repetida sobre determinado assunto para, somente depois de muita observação e reflexão, poder tratar sobre ele.

Essa constatação a respeito de pessoas que se precipitam a tratar de um assunto sem desdobrar-se anteriormente sobre o mesmo, de certa forma, se apresenta de modo satírico na obra *Os Bruzundangas* (1920). Nesta narrativa, em que se expõem de maneira explícita e irônica o costume, entre as personalidades daquele país – em evidente representação do Brasil –, recortar os livros de suas bibliotecas, num notável movimento de falta de criatividade e pensamentos próprios.⁴

Esse breve percurso por determinadas concepções de Barreto sobre literatura e arte expostas em algumas de suas crônicas permite depreender, basicamente, um ponto de vista sedimentado na visão da arte da escrita primordialmente vinculada à sociedade em torno do escritor. Segundo o seu pensamento, não se poderia aceitar um propósito artístico com a finalidade única de entretenimento, ou seja, de arte pela arte, sem qualquer preocupação direcionada à construção de uma sociedade igualitária e fraterna.

Avançando na abordagem dos três escritores aqui focalizados, Barreto, Roberto Arlt e João Antônio, na sequência, serão abordadas algumas das considerações do escritor argentino sobre literatura e, posteriormente, o pensamento de João Antônio sobre o mesmo tema.

⁴ “Houve um [sábio] que, quando morreu, não se pôde vender-lhe a biblioteca, pois todos os livros estavam mutilados. Ele cortava-lhes as páginas para pregar no papel em que escrevia os trechos que citava e evitar a tarefa maçante de os copiar” (Barreto, L. (1956b). *Os Bruzundangas*. São Paulo, Brasiliense, 142).

Literatura de vivência

Roberto Arlt, quando em viagem para conhecer a capital do Brasil,⁵ Rio de Janeiro, entre os meses de março e maio de 1930, ficou responsável por enviar crônicas ao jornal portenho *El Mundo*, no qual já havia publicado uma série de crônicas na sua coluna diária, denominada “Aguafuerte portenhas”, em que focalizava diferentes ângulos da capital argentina, principalmente no sentido de trazer aos seus leitores assuntos do cotidiano, com especial destaque à vida nas periferias da cidade, ao uso da linguagem informal (lunfardo), bem como a personagens não pertencentes à sociedade estabelecida, seja em razão de carência econômica, seja por vincular-se à criminalidade, por exemplo. Nesse sentido, observa-se que a coletânea *Aguafuertes cariocas: crônicas inéditas desde Río de Janeiro* (2013), antologia resultante de crônicas publicadas durante sua estadia no Rio de Janeiro, permite observar semelhante universo de interesse à margem do espaço urbano. Ressalta-se que esse conjunto de narrativas oferece várias possibilidades de abordagem, tais como a questão da discriminação racial e de gênero, a xenofobia, a falta de contextualização histórica sobre o Brasil, o frequente movimento de comparação entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Entretanto, neste texto o interesse concentra-se em apresentar algumas considerações a respeito de momentos nos quais o narrador alude ou trata mais especificamente sobre literatura e jornalismo. Primeiramente, tratar-se-á da literatura e, posteriormente, será destacada a questão do jornalismo.

⁵ O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil no período de 1763 até 20 de abril de 1960. Após esta data, a capital brasileira passou a ser Brasília.

Na crônica “¿Para qué?”, de 9-4-1930 – lembrando-se que as crônicas sobre o Rio de Janeiro foram publicados no periódico argentino *El Mundo* –, o narrador, entre outros fatores, explicita crítica a uma poeta portenha que havia publicado um poema em um jornal da Argentina acerca da capital brasileira. Em tom discriminatório de gênero, ele assim questiona: “¿Dígame, señora, por qué em vez de escribir no se dedica a la conspicua labor de la calceta?” (Arlt, 2013, 45). Porém, na continuidade do texto, o narrador trata de outros assuntos e, ao final da crônica, retoma a crítica à poeta visando esclarecer sua apreciação negativa sobre o referido poema da seguinte maneira:

Cuando al comienzo de esta nota me refería al poema de la dama argentina, es porque esa señora había visto de Río lo que ve cualquier malísimo literato. Una montañita y nada más. Un buen mono parado en una esquina. ¿No es el colmo de los colmos esto? Y así son todos. Las consecuencias de dicha actitud es que el público lector no termina de enterarse del país, ni de qué forma vive la gente mencionada en los artículos. (Arlt, 2013, 48)

Evidencia-se a visão contrária do narrador em relação a uma espécie de abordagem literária “panorâmica”, sem imersão na realidade contemplada e tornada matéria artística alheia ao elemento humano. Logo, depreende-se que, para ele, não haveria sentido elaborar uma arte literária sedimentada na superfície das coisas, sem o elemento humano que transita nos espaços representados. Semelhante percepção apresenta-se ainda de forma mais consolidada na crônica “No me hablen de antigüedades”, de 6-5-1930, na qual, a propósito da temática sobre conservação ou não de construções antigas no espaço da cidade moderna – perspectiva à qual o narrador se mostra contrário à preservação⁶ –, manifestam-se reflexões

⁶ A perspectiva contrária à preservação da memória histórica da cidade, conforme essa crônica de Roberto Arlt, difere-se dos pontos de vista de Lima Barreto e João Antônio, para os quais era fundamental a valorização da memória histórica das cidades. Contudo, não cabe aqui um aprofundamento nessa discussão, haja vista o

acerca, por exemplo, da falta de comprometimento coletivo do povo brasileiro em prol de melhores condições de vida e de trabalho, e mesmo sobre a tendência das mulheres brasileiras de desejarem imitar a vestimentas de atrizes francesas. Diante disto, o narrador assim se expressa:

Yo no puedo escribir sobre todo esto. Dirán que soy un tipo agresivo, venenoso, malhumorado, hipocondríaco. Y, sin embargo, elimino todos los días toxinas con una buena clase de gimnasia. Por eso es que no me interesa lo antiguo. Lo antiguo, entre gente antigua, está en su lugar; entre gente moderna, es una ridiculez. El paisaje me revienta. No miro las montañas ni por broma. ¿Qué hacemos con la montaña? ¿Describirla? Montañas hay en todas partes. Los países no valen por sus montañas. (Arlt, 2013, 143-144)

Compreende-se que o narrador sedimenta a sua percepção contrária à visão baseada em uma abordagem panorâmica e, assim sendo, parece assemelhar-se às críticas de Lima Barreto sobre um fazer literário direcionado apenas ao efeito de imagens e palavras concebidas para a sensação de enlevo estético, todavia, sem representatividade social. Essa interpretação, e com correlações aos pressupostos barretianos, pode ser melhor esclarecida na sequência da crônica, quando o narrador expressa não ter notado no Brasil o sentido de coletivo no imaginário do povo – diferente do que ele havia presenciado no Uruguai, onde as pessoas se unem em prol de alcançar uma melhor condição social e pensam, por meio de discussões, em possíveis caminhos para resolverem seus problemas junto com seus pares. Entretanto, para ele, na capital brasileira: “Aquí no discute nadie. No se enoja nadie. Se vive

enfoque particular deste texto. Há que se ressaltar, entretanto, a equidade de pensamento dos três escritores quanto à valorização central das vicissitudes humanas em suas obras, portanto, destoante de uma visão artística limitada à superfície da paisagem.

como en salón. Eso está muy bien cuando el salón va acompañado de la cocina; pero aquí la cocina la hacen las negras...”. (Arlt, 2013, 144).

Dessa maneira, explicitam-se duas dimensões importantes do pensamento de Arlt, por meio da voz de seu narrador, sendo a primeira a sensação de que se vive em um salão – talvez aqui se localize de modo mais concreto o simbolismo de um “cenário” favorável apenas às classes dominantes e em evidente estado de alienação aos problemas sociais. A segunda dimensão refere-se às distinções de classes que mantêm espaços físicos muito bem demarcados, ainda que no mesmo “salão”, separando declaradamente quem frequenta a ambiência social, provavelmente mulheres brancas, e quem deve ficar restrito ao trabalho na cozinha, as mulheres negras. Dessa forma, localiza-se a configuração substancial de um escritor a refletir para além do “cenário”, voltando-se para o lado humano daquilo que observa. Não se pode aqui, nestas considerações, afirmar que o escritor argentino tivesse a mesma acepção de arte e de literatura como meio de melhorar o homem e a sociedade, conforme os pressupostos barretianos, mas é possível ao menos asseverar a respeito da proximidade dos dois autores quanto à preocupação em focalizar as fissuras de um processo social de segregação em suas narrativas.⁷

Essa questão de aparência manifesta-se sob outra ótica na crônica “Espéreme, que llegaré en aeroplano”, de 21-5-1930, na qual o narrador conta de sua abrupta partida do Brasil para Buenos Aires em razão de ter sido premiado, com o terceiro lugar, no Concurso Literario Municipal da capital portenha. Entre outros aspectos, ele destaca que viajará pela primeira

⁷ Uma das crônicas de Roberto Arlt na qual se pode verificar mais detidamente aproximação temática e estética entre os escritores aqui focalizados é “O cortiço da nossa literatura”, pertencente à coletânea *Águas-fortes portenhas seguidas de Águas-fortes cariocas* (2013), na qual o narrador polemiza explicitamente contra uma literatura subsidiada na arte pela arte, salientando a necessidade de escritores tematizarem a realidade de miséria vivenciada pelos habitantes de cortiços em Buenos Aires.

vez de avião, além de traçar vários detalhes do que pensa sobre os premiados em primeiro e segundo lugares no concurso em que fora contemplado com o terceiro lugar. Neste sentido, vale destacar como ele imagina a cerimônia de premiação, posto que este aspecto revela um sentido perverso das relações entre os envolvidos no contexto literário.

[...] seguramente habrá banquetes de autores a los que no pienso concurrir, porque los banquetes me aburren, y más aún las necedades que dicen los que al final de ellos se han embriagado, y nuevamente todos los que no han sido premiados se apresurarán a recopilar un libro de cualquier cosa para tentar la aventura en el ‘concurso que viene’.

¡Ah! Habrá también retratos en las revistas, literatas o pseudoliteratas que le escribirán efusivas felicitaciones a los autores: algún que otro señor que le pedirá el libro premiado con una dedicatoria; y uno, frío, indiferente a todo, sonreirá amablemente a la gente, que después de estrecharle la mano se irá pensando:

– Es una iniquidad que le hayan dado un premio, habiendo tantos otros que lo merecen más que él. (Arlt, 2013, 184)

Averigua-se a perspectiva consciente de Arlt, por meio de seu narrador, de como as relações entre seus pares escritores e mesmo com seus leitores pode ser mediada por manifestações no mínimo escusas. Por um lado, pode haver interesse de valer-se da obra de autores premiados, como inspiração, para tentar tirar alguma vantagem em concursos literários; por outro, existem leitores que à frente do escritor manifestam elogios, mas por detrás o consideram menos digno de receber um prêmio em relação a outros autores.

Diante do exposto, localizam-se, em *Aguafuertes cariocas*, duas manifestações centrais que permitem depreender elementos pertencentes à concepção literária de Arlt, ou melhor, daquilo considerado por ele antiliterário: a elaboração de produções literárias vinculadas somente à superfície dos temas, sem ater-se ao lado humano dos

acontecimentos, e um contexto literário mediado por relações de interesses pessoais ou de exposição na mídia em situações de elogios nem sempre sinceros. Ambos os aspectos, conforme pode ser depreendido, possuem inter-relações com os pressupostos literários de Lima Barreto, visto que o escritor carioca de igual modo contrapôs-se a qualquer elaboração artística que não tivesse por finalidade um compromisso social. A vaidade e as relações mediadas por interesses no contexto literário puderam ser localizadas na visão barretiana quando criticou o livro de viagens sobre a Argentina por dar espaço apenas a escritores e a poetas já reconhecidos social e literariamente, sem conceder lugar para novos autores e poetas. Como será focalizado a seguir, esses pensamentos dos escritores brasileiro e argentino parece se refletir de modo evidente na concepção de “corpo a corpo com a vida” de João Antônio, enunciada por ele há cerca de 45 anos após Roberto Arlt.

“Corpo a corpo com a vida”

No texto-manifesto “Corpo-a-corpo⁸ com a vida” (1975), pertencente à coletânea *Malhação do Judas carioca* (1975), João Antônio defende a necessidade de uma literatura e de um jornalismo que priorizem o embate do escritor com a realidade brasileira. Segundo o seu ponto de vista, não haveria sentido a produção e publicação de obras direcionadas à arte pela arte ou a qualquer moderna vertente de crítica literária – denominada por ele de “ismos” – que busca, à força, delimitar e limitar as potencialidades de uma obra dentro de sua circunferência conceitual.

⁸ Quando a expressão “corpo-a-corpo” disser respeito às palavras de João Antônio, emprega-se hifens; quando não disser respeito a enunciados do autor, será utilizada a ortografia atual, ou seja, sem hifens.

A maioria dos depoimentos que tenho lido me parecem testemunhos de uma época em que quase todos estão preocupados com o acessório, o complementar, o supérfluo, ficando esquecidos o fundamental, o essencial. Assim, grande parte dos escritores que depõem hoje sustenta preocupação vinculada à forma, sob a denominação de um ‘ismo’ qualquer. Lamentável ou incrível. As posições beletristas não mudaram entre nós, sequer um milímetro [...]

Mas é de uma simplicidade alarmante. O distanciamento absurdo do escritor de certas faixas da vida deste país só se explica pela sua colocação absurda perante a própria vida. Nossa severa obediência às modas e aos ‘ismos’, a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual, ainda vai muito acesa. (Antônio, 1975, 143)

Desse modo, compreende-se que para João Antônio, em meados da década de 1970, a literatura brasileira ainda estaria muito atravessada por valores e critérios sedimentados na prioridade à forma e não ao conteúdo de valor social. Isso adviria em decorrência de vinculação à determinada segmentação teórica, os “ismos”, originados de certa tendência de crítica literária a englobar autores e obras em conceituações relativamente rígidas, a exemplo de estruturalismo, suprarrealismo, hiper-realismo, concretismo etc. Segundo o autor, o escritor se preocupa mais em se alinhar à determinada “escola” do que denunciar sobre a realidade à sua volta.

Diante desse quadro, o alerta de João Antônio verticaliza-se para a ênfase à realidade brasileira, posto que a adequação a formas literárias estrangeiras impediria de se alcançar uma literatura a refletir verdadeiramente o homem local, suas angústias, sua realidade, bem como a cultura e o cotidiano nacionais. Para que esta abordagem de fato ocorresse, seria necessário ao escritor aproximar-se daquilo sobre o qual pretende escrever, num real corpo a corpo com a vida brasileira: “O de que carecemos, em

essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. [...] que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. O que é diferente de publicar livros, e muito”. (Antônio, 1975, 143-4).

Nesse contexto, seria preciso lembrar, segundo o autor, que os escritores brasileiros que ficaram, ou seja, tornaram-se clássicos, como Lima Barreto e Graciliano Ramos, firmaram um compromisso social com o ato de escrever e com a realidade espacial e humana do Brasil. Portanto, conforme João Antônio,

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolhas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma. (Antônio, 1975, 146)

À parte das características estéticas e composicionais particulares de Barreto, Arlt e João Antônio, se aclaram correlações entre as concepções dos três escritores, pois é possível atestar elementos em comum no combate à literatura distanciada da realidade humana. Em alguma medida, é possível compreender que, assim como para João Antônio, Barreto e Arlt centraram-se numa captação literária que priorizou “ralar” nos fatos – com destaque à valorização do lado humano dos acontecimentos – e não apenas “relar” neles, no sentido de se limitarem à superficialidade no trato dos temas de suas escritas.

Jornalismo parcial

Lima Barreto, no início do século XX, vivenciou a transformação do jornalismo de opinião para a moderna imprensa que irá se caracterizar, entre outros fatores, pela apuração dos fatos, criando a figura do repórter, dinamicidade, no sentido de tornar o jornal uma “fábrica de notícias”, e a conseqüente publicidade que se tornaria uma das principais fontes de lucro das mídias. Como permite verificar parte de suas crônicas, ao autor carioca jamais escapou a visão da imprensa como manipuladora da opinião pública em prol de interesses de grupos hegemônicos, social e economicamente. Aliás, semelhante consciência quanto aos desvãos que comandam essa espécie de “4º poder” no Brasil encontra-se desde a primeira obra publicada pelo autor, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), romance em que a redação de um jornal carioca é um dos temas principais.

Entre as críticas explícitas de Barreto à imprensa, salienta-se a crônica “Carta aberta”, publicada na revista *A.B. C.* em 14-12-1918, em que, dirigindo sua carta ao Conselheiro Rodrigues Alves, o narrador aborda a manifestação dos trabalhadores das fábricas e das indústrias que foram duramente castigados pela polícia, entre outras coisas, sob a alegação de comunismo, quando na verdade exigiam apenas melhores condições de trabalho. Assim, posicionando-se contrário à opressão desproporcional aplicada aos trabalhadores, o narrador destaca o que ele define ser a “ambiência mental da imprensa periódica”,

[...] Ela é feita com o desconhecimento total do que se passa fora da sua roda, um pouco da política e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo mal disfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuais, e pelo que pode haver de inteligência naqueles que as exercem. Junte-se a isto uma admiração estulta pelos sujeitos premiados, agaloados,

condecorados, titulados e as opiniões deles; considere-se ainda as insinuações cavilosas dos espertalhões interessados nisto ou naquilo, que cercam os homens de jornais de falsos carinhos e instilam no seu espírito o que convém às suas transações; leve-se em conta ainda mais que todo o plumitivo tem amor à pilhéria e não perde vaza para fazê-la, mesmo que seja injusta; e, por fim, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são eles chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos. Tudo isso e mais alguns outros aspectos peculiares à vida jornalística formam o que se pode chamar, e eu chamarei, a ambiência intelectual da imprensa quotidiana. (Barreto, 2004, 416)

Embora seja curto este espaço para se tratar detalhadamente a respeito do pensamento de Barreto sobre a imprensa em suas crônicas, essa citação permite localizar alguns de seus posicionamentos sobre o modo como observava negativamente as relações que mediavam a divulgação de notícias no contexto brasileiro. Percebe-se que o narrador admoesta a maneira como a imprensa delimita como antagonistas os grevistas que devem ser combatidos de qualquer forma, sem conhecer com propriedade a realidade dos trabalhadores. Observa-se como inter-relações entre a imprensa e as classes dominantes balizam a divulgação de notícias, segundo o ponto de vista de determinado veículo a respeito de um assunto. Basicamente, se distingue que são as relações entre os segmentos da imprensa e do poder dominante que comandam aquilo que chega à população sob a forma de informação. Assim sendo, fatos eram noticiados, muitas vezes, de forma desvirtuada, não condizendo com a verdade e, ao mesmo tempo, prejudicando qualquer pessoa contrária aos pressupostos das classes dominantes, como é o caso a respeito dos grevistas. “Naturalmente”, tratava-se de notícia que deveria ser divulgada como nociva à sociedade, posto que a greve atingia diretamente os empresários donos das fábricas.

Semelhante perspectiva de direcionamento da opinião pública é tema frequente na produção barretiana, o que o leva, entre outros exemplos, a proferir, por meio do narrador da crônica “O nosso secretário”, publicada no jornal *Correio da Noite* em 18-1-1915, que a disputa por poder político, econômico ou social sedimenta as relações entre donos de jornais e seu repórteres, de modo que eles se digladiam, não importando a quem atinjam, mas sim aquilo que conquistarão para si próprios. Dessa maneira, salienta o narrador: “Quem vive dentro do jornalismo, tem a impressão de que está entre lobos; os homens de jornais se devoram”. (Barreto, 2004, 157).

Jornalismo de invenção

De modo similar a Barreto, pode-se observar, sempre se limitando à coletânea *Aguafuertes cariocas*, que Roberto Arlt posicionou-se contrário a uma imprensa que tivesse por prioridade agradar aos leitores, sem compromisso efetivo com a realidade dos fatos. Esta crítica encontra-se explícita na crônica “¿Para qué?”, de 9-4-1930 – já aqui mencionada a propósito do tópico sobre literatura para Arlt – na qual o narrador afirma que, ao chegar ao Rio de Janeiro, proferira entrevistas à imprensa carioca. Porém, ficara negativamente surpreso quando verificou que no jornal *A Noite*, foi acrescentada à sua fala a admiração ao poeta brasileiro Castro Alves, sobre quem ele não tinha qualquer conhecimento:

Quando yo leí que mi director me había invitado a realizar una visita a la patria del venerado Castro Alves, me quedé frío. Yo no sé quién es Castro Alves. Ignoro si merece ser venerado o no, pues lo que conozco de él (no conozco absolutamente nada) no me permite establecerlo. Sin embargo, los habitantes de Río, al leer el reportaje, habrán dicho:

- He aquí que los argentinos conocen la fama y la gloria de Castro Alves. He aquí un periodista porteño que, conturbado por la grandeza de Castro Alves, lo llama emocionado 'venerado Castro Alves'. Y Castro Alves me es menos conocido que los cien mil García de la guía telefónica. Yo ignoro en absoluto qué es lo que ha hecho y lo que dejó de hacer Su Excelencia Castro Alves. Ni me interesa. Pero la frase quedaba bien y el redactor la colocó. Y yo he quedado de perlas con los cariocas. (Arlt, 2013, 46-7)

Nota-se que o jornal usa de estratégia enganosa para garantir a simpatia de seus leitores ao recém-chegado representante do jornal argentino *El Mundo*, sem que isso tivesse sido explicitamente pronunciado pelo narrador em sua entrevista. Se se pode parecer algo sem maior importância dada à carga de ironia do excerto, entretanto, torna-se verossímil entrever que, se numa situação de apresentação no âmbito social utilizou-se desse procedimento, imagina-se como deveria ser quando se focalizavam notícias em relação a temas mais graves à sociedade, inerentes, por exemplo, às editoriais de política, economia e polícia. Nesse sentido, parecem convergir as críticas de Barreto, embora neste a veemência crítica seja mais bem delimitada e especificada por se tratar de alguém natural do Brasil, com o posicionamento de Arlt no que condiz ao uso de recursos duvidosos por parte da imprensa local em busca de conseguir os objetivos almejados.

Essa aproximação entre os pensamentos dos dois escritores torna-se melhor compreendida na sequência da crônica do autor argentino, quando ele assim afirma sobre o modo mais adequado de se conhecer, ao menos um pouco, um país – bem ao contrário de jornalistas que, ao se dirigirem a outros países, priorizam entrevistar intelectuais influentes, ignorando a realidade à sua volta:

Cada vez me convenzo más que la única forma de conocer un país, aunque sea un cachito, es conviviendo con sus habitantes; pero no como escritor, sino como si uno

fuera tendero, empleado o cualquier cosa. Vivir... vivir por completo al margen de la literatura y de los literatos. (Arlt, 2013, 48)

Entrevê-se que este propósito, concebido como fundamental para o narrador da crônica de Arlt, de se conviver proximamente com a população não pertencente às classes dominantes de um país, como forma de recolher dados diretamente da realidade por meio dessa interação, vincula-se ao “corpo a corpo com a vida” de João Antônio. Expressão essa que, como já mencionado, apresenta elementos presentes também na visão de Barreto, pois suas críticas à falta de contato com a realidade circundante seria um dos elementos reveladores da “ambiência intelectual da imprensa” brasileira, conforme destacado anteriormente.

Jornalismo sensacionalista

Em “Carlinhos, o inconveniente”, texto pertencente à coletânea *Malhação do Judas carioca* (1975), de João Antônio, atesta-se o ponto de vista crítico do narrador direcionado à cobertura do sequestro do menino Carlos Ramirez, ocorrido em 2 de agosto de 1973 no Rio de Janeiro, crime não solucionado pela polícia. Porém, cabe ao narrador discutir, entre outros aspectos, como a imprensa atrapalhou a cobertura do fato, interferindo até mesmo na vida da família do garoto, num movimento claro de invasão de privacidade no qual a mais valia circunscreve-se apenas à divulgação de notícias, na maior parte inverossímeis, mas que garantissem sustentar o interesse do público pelo caso. Isso pode ser verificado, por exemplo, quando se noticiou sobre o pagamento de resgate e a reação da imprensa teria sido a seguinte, conforme o narrador:

O nome de Carlinhos gritou nas primeiras páginas. E, então, imediatamente cheios de habilidades e esperteza, com suas máquinas, sacolas, pressas, ciências, carros, buzinas e aparatos, a polícia e os atentos rapazes da imprensa conseguiram transformar em coisa pública e das mais comentadas da cidade, o local marcado para o resgate, esquina de Rua Alice com Giliostro. (Antônio, 1975, 33-4)

Com toda essa exposição, conseqüentemente não houve o resgate nem o pagamento por parte da família. É interessante notar como o narrador elabora suas observações de modo a configurar os jornalistas como uma força em ordem unida, e munida de aparatos tecnológicos, em busca de explorar qualquer acontecimento relacionado ao crime, tornando-o uma espécie de espetáculo público. Contudo, nada é esclarecido, ficando a família exposta e explorada de forma inclemente pelos veículos de notícias que, depois de passados alguns dias, acabam percebendo que o caso se tornou um fato inconveniente, justificando assim o título da narrativa, “Carlinhos, o inconveniente”. Seriam necessários novos acontecimentos, dados, informações, que fossem decisivos para a resolução do crime e que tornassem possível a manutenção do interesse público pelo caso. Como isto não ocorre, expõem-se ao mesmo tempo as limitações tanto da polícia quanto da imprensa.

[...] Já na altura do terceiro dia, Carlos Ramirez é um incômodo para todos. Família polícia e imprensa estão mal colocadas. A família falara mais do que a conta, chegando à ingenuidade de pedir à imprensa que divulgasse o número de seu telefone no Leblon. E, por falar muito, teve sua vida vasculhadas nas intimidades. Escreveram-se coisas lamentáveis e pesadas, envolvendo adultério; foram lançadas pressuposições baixas, falando em amantes, contrabando e aventuras. (Antônio, 1975, 35)

É necessário considerar que essa invasão de privacidade, ou seja, de direcionar a atenção à vida íntima da família, constitui-se algo que se tornaria muito comum na imprensa

posterior à época da publicação do texto de João Antônio – e de maneira ainda mais alarmante com o surgimento da internet. De qualquer modo, interessa-se aqui destacar como o autor polemiza com as estratégias dos jornalistas para esgotarem todas as possibilidades de “fabricar” notícia, não importando se isso dificulta o trabalho de investigação policial ou se agride o direito à privacidade da família. Dessa forma, salienta-se uma visão sobre a imprensa, assim como Barreto e Arlt se manifestaram, em que subjazem os interesses dos veículos de informação como prerrogativa principal na condução da opinião pública.

Ralar e não relar nos fatos

A exposição aqui realizada permite compreender aproximações entre os pensamentos de Lima Barreto, Roberto Arlt e João Antônio, particularmente em relação às coletâneas *Toda crônica: Lima Barreto* (2004), *Aguafuertes cariocas: crônicas inéditas desde Rio de Janeiro* (2013) e *Malhação do Judas carioca* (1975), respectivamente, no que se refere aos temas literatura e jornalismo. É importante destacar que há outras obras e textos, bem como entrevistas de Arlt e João Antônio, nos quais se evidenciam outras particularidades de suas visões sobre os dois temas em destaque. Todavia, nota-se que esse percurso centrado apenas nas coletâneas em questão permitiu verificar correlações entre os seus pontos de vista quanto à necessidade, comum para os três autores, de uma literatura direcionada ao lado humano dos acontecimentos, sem qualquer ênfase ao exercício da arte literária voltada apenas para a beleza de efeitos estéticos.

Em suma, trata-se de três escritores que, em tempos diferentes, tiveram como cerne de suas preocupações um compromisso social atrelado às suas produções literárias. A nenhum deles escapou a importância de priorizar a humanidade subjacente à criação literária e também

a necessidade de denunciar a realidade circundante. De pouco valeria focalizar paisagens urbanas ou naturais se não fosse acrescido a elas o elemento humano em reflexo ou refração nelas.

Não se quer dizer aqui que Barreto, Arlt e João Antônio foram uníssonos em seus ideários literários, mas destacar aproximações entre eles na formalização de um pensamento estético no qual se concretiza como prioritário o compromisso social e humano, preferencialmente verticalizado para as populações às margens do socialmente estabelecido.

Esse propósito se revela próximo igualmente quando se consideram os posicionamentos dos três autores a respeito do jornalismo, posto que eles atentam, reforçando que em tempos diferentes, um fazer jornalístico que privilegia interesses de determinados grupos na condução da opinião pública conforme os objetivos das classes dominantes, seja entre os próprios jornalistas, seja entre grupos hegemônicos política e economicamente.

Dessa maneira, a expressão “ralar nos fatos e não relar neles” de João Antônio, assoma-se como síntese a aproximar as visões de Barreto e Arlt que igualmente viram dentre as ações comuns da imprensa a sustentação de imagens enganosas, a deturpação dos fatos e o descompromisso com o lado humano das notícias e da realidade. Semelhantes elementos podem ser observados ainda hoje na condução da imprensa do século XXI que, ainda mais com o acesso à internet, comanda o noticiário segundo os interesses dos veículos de informação, às vezes tornando e tomando a privacidade das pessoas envolvidas em motivo de exploração para garantir vendas ou recorde de acesso a determinados *links* de suas páginas na *web*.

Nesse contexto, delimita-se como pertinente abordar parte dos pensamentos de Barreto, Arlt e João Antônio como forma para se pensar a atualidade de algumas de suas colocações a respeito de literatura e jornalismo. Foi possível demonstrar como as suas defesas

em relação a um compromisso social do escritor com a sua terra e a sua gente transpõem a margem temporal de suas escritas de modo a se solidificarem como elementos que ecoam como imprescindíveis para se pensar os rumos da literatura e do jornalismo no Brasil e na América Latina da atualidade. Isto porque, viceja entre os meios de comunicação um condicionamento explícito a direcionar os interesses na divulgação das notícias à população, implicando até mesmo a desmoralização de determinadas pessoas ou personalidades, ou ainda interferindo em resultados de eleições de cunho político. No que se relaciona à literatura, embora sejam observados avanços em termos de criações literárias que tematizam problemas de substância de ordem crítico-social, ainda se encontram produções direcionadas apenas ao deleite estético, sendo elas, algumas vezes, de linguagem inapreensível à maior parte da população.

Referências bibliográficas

- Antônio, J. (1975). *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Arlt, R. (2013). *Aguafuertes cariocas: crônicas inéditas desde Ríó de Janeiro*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.
- Arlt, R. (2013). *Águas-fortes portenhas seguidas de Águas-fortes cariocas*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras.
- Barreto, L. (1956b). *Os Bruzundangas*. São Paulo, Brasilense.
- Barreto, L. (1956a). *Histórias e sonhos*. São Paulo, Brasilense.
- Barreto, L. (2004). *Toda crônica: Lima Barreto. Apresentação e notas: Beatriz Resende*. Rio de Janeiro: Agir, vols. I (1890-1919) e II (1919-1922).

Bezerra, F. (2015). *Lima Barreto e Roberto Arlt: transições e permanências da memória selvagem*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Ferraro, P. (2015). *Cidades crônicas: Rio de Janeiro e Buenos Aires nas crônicas de Lima Barreto e nas Aguafuertes de Roberto Arlt*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Frenkel, E. (2014). Crônicas de R. Arlt em Rio de Janeiro: ¿hospitalidad u hostilidad?. *Revista Sures*, 3, 1-23.

Ornellas, C. (2011). *João Antônio, leitor de Lima Barreto*. São Paulo: Edusp/Fapesp.

Souza, M. (2019). *A loucura e a criação: João Antônio encontra Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Vale, T. (2017). *Imagens e representações do Brasil nas notas de viagem de Roberto Arlt*. Tese (Doutorado em Literatura e Vida Social) – Universidade Estadual Paulista, Assis.